

BOLETIM informativo



Mala Direta
Postal
9912271704-DR/PR
SENAR
CORREIOS

SISTEMA FAEP



Ano XXVI
nº 1129
21 a 27
de março de 2011

Tiragem desta edição:
24.000 exemplares



100 anos dos holandeses no Paraná

Memorial da Imigração
Holandesa
Anno 2001



As três “Holandesas”

Reportagem: *Christiane Kremer*

Fotos: *Lineu Filho*

No ano em que a colônia holandesa de Carambeí comemora seu Centenário da Imigração, o Boletim Informativo lembra a saga dos pioneiros e a contribuição dos holandeses ao Paraná

Após quase 300 anos das investidas do conde holandês Maurício de Nassau no Nordeste brasileiro (1624-1654), a presença holandesa ressurgiu no início do século passado. A porta de entrada desta vez foi o sul, especificamente o Paraná, por onde famílias inteiras embarcaram no sonho de uma vida mais próspera, em novos e maiores pedaços de terra. Seu pequeno território (41.526 km²), hoje com pouco mais de 16 milhões de habitantes, impulsionou



Lineu Filho

2 Um século de história
100 anos dos holandeses no Paraná

26 Via Rápida

Os peixes, o nitrogênio, os farejadores e o Schumacher



28 Cursos SENAR-PR
Cana-de-açúcar, posses, Mulher Atual e turma do JAA

32 História

A herança da geada negra

35 Soja

Concurso no Sudoeste

36 Gestão

O produtor é um guerreiro



Reuters

38 Tragédias

Águas de março

40 Boimate - 1º de abril

As mancadas da imprensa



das” do Paraná

nou o fluxo migratório. A política do governo brasileiro de atração de europeus trouxe a maioria dos holandeses para os Campos Gerais. Para a região, levaram seus conhecimentos na agropecuária e os conceitos do cooperativismo, religião e educação. Baseados nesse tripé se desenvolveram economicamente e formaram as três pequenas “Holandas”

do Paraná: as colônias de Carambeí, Castrolanda e Arapoti, mantidas até hoje. A presença holandesa também se deu nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, onde formaram as colônias de Holambra I, Holambra II e Não Me Toque.

O esforço e contribuições deixadas por esses desbravadores holandeses serão lembrados nacionalmente durante todo 2011, oficialmente instituído como o “Ano da Holanda no Brasil”. No Paraná, o município de Carambeí, berço da colonização no Estado, festejará em dobro com o Centenário da Imigração.

Memorial da Imigração Holandesa, em Castrolanda

OS PILARES

UNIÃO, FÉ E EDUCAÇÃO

Três itens específicos ocuparam o maior espaço nas bagagens dos desbravadores holandeses: a união, a fé e a educação. Em cada colônia formada estruturavam sua cooperativa, a igreja e a escola, mantendo a união entre os colonos e a força para não desistirem. Em Arapoti, por exemplo, igreja, escola e cooperativa ocuparam o mesmo espaço físico, até que seus prédios fossem construídos. A manutenção desses pilares justifica os números atuais da agricultura, pecuária e a qualidade de vida vista nas três colônias.



Carambeí: onde tudo começou

Willem de Geus
na primeira casa
de alvenaria
construída pelo pai

Verdadeiros aventureiros. Assim podem ser chamados os primeiros imigrantes holandeses que desembarcaram no Paraná entre 1908 e 1909. Incentivados pelo governo brasileiro, que fomentava a vinda de colonizadores europeus, e movidos pela esperança de construir uma vida mais próspera em novas terras, os imigrantes foram habitar o distrito de Gonçalves Júnior, no município de Irati.

O cenário era de mata fechada, pragas, doenças, fome e desnutrição. Relatos históricos citam muitas mortes, principalmente de mulheres e crianças. Com experiência na área agrícola, eles até tentaram iniciar algumas lavouras, mas que logo foram destruídas por por-

cos do mato. A maioria desses imigrantes acabou voltando para a Holanda.

Notícias sobre a construção de uma ferrovia na região de Castro animaram os remanescentes em Irati. A companhia férrea Brazil Railway Company estava incumbida de colonizar a região para justificar a construção de uma ferrovia. Para isso oferecia às famílias interessadas um contrato que concedia lotes com cerca de 20 hectares, algumas vacas leiteiras, sementes e adubo, a serem pagos durante 10 anos de produção do colono.

A esperança, enfim, voltava a encher os olhos dos holandeses. Em 1911 as famílias de Leendert Verschoor, Jan Verschoor e Jan Vriesman, uma das pri-

**Instalados,
os pioneiros
resolveram
“recrutar” mais
holandeses para
habitarem a
nova colônia.**

meiras a aceitar o desafio, mudaram-se para o novo local, onde hoje está Carambeí, município que abriga uma das três colônias holandesas do Estado.

Instalados, os pioneiros resolveram “recrutar” mais holandeses para habitarem a nova colônia. Espalharam a notícia e encantaram outras pessoas na Holanda. O jovem Leendert de Geus, de 21 anos, foi um deles. Depois de perder parte de sua produção de batatas na Holanda, decidiu se aventurar nas terras novas do Brasil. Quem conta a saga de Leendert é o filho Willem de Geus, que hoje está com 86 anos. “Ele veio por conta própria, sem a ajuda do governo”, diz.

A cada ano mais famílias se juntavam ao grupo. Os sobrenomes holandeses começavam a ter mais variações. Eram os De Geus, Verschoor, Vriesman, Voorsluys, Los, Harm, van der Meer...

Família de Leendert Verschoor, uma das primeiras a chegar a Carambeí



Arquivo Batavo



Para se ter ideia, em 1914, havia mais de 50 famílias na colônia, vindas principalmente do sul da Holanda.

Os primeiros casamentos também começavam a ser celebrados, nascendo dessas uniões os primeiros brasileiros. E não eram poucos. Os holandeses não escapavam do que era comum na época e povoavam a terra com uma média de 10 a 16 filhos. Os pais de Willem, Leendert e Cornélia, por exemplo, foram os primeiros a unir laços na colônia. A prole seguiu a média: 15 filhos. Willem se destaca como o do meio: “Tem sete para cima e sete para baixo de mim”, brinca.

Depois da Segunda Guerra Mundial chegaram mais holandeses e famílias de outras etnias. Aos poucos aquela paisagem aberta dos Campos Gerais começava a ganhar vida, produção e desenvolvimento. ▶▶



E surge a Batavo

A pecuária leiteira se tornou a atividade principal dos colonos, resultado da experiência com gado na Holanda. Iniciaram a produção artesanal de queijo e manteiga para vender na primeira fabriqueta de laticínios: a “De Geus & Cia”. Logo surgiram outras e em 1916 já eram quatro fabriquetas. Para evitar a concorrência que começava a se instalar na colônia, foi proposta a formação de uma cooperativa.

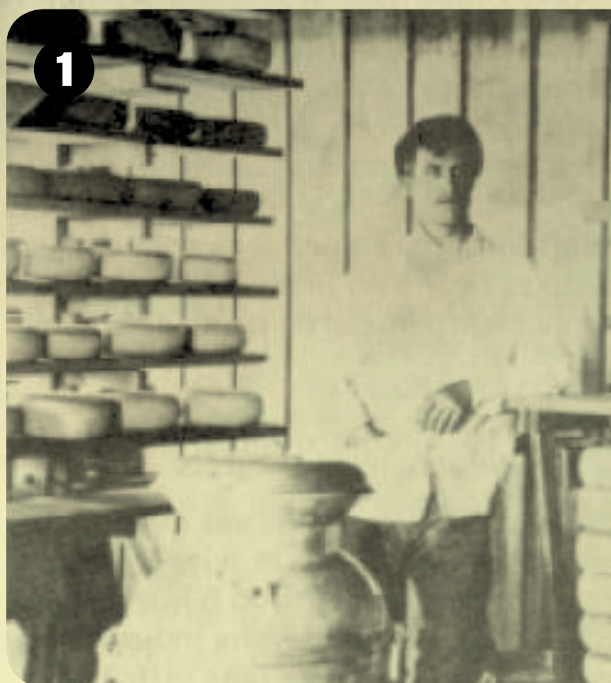
Assim, em 1925, nasce a Sociedade Cooperativa Hollandeza de Laticínios, que em 1941 se tornaria a Cooperativa Mista Batavo, a primeira de produção no Brasil. Com sete sócios, produção diária de 700 litros de leite, produzindo queijo e manteiga para comercialização em Ponta Grossa, Castro, Curitiba e São Paulo, a sociedade deu origem à marca Batavo – conhecida nacionalmente no ramo de laticínios e frios.

A união foi fundamental para a manutenção da colônia e para o desenvolvimento de Carambeí. Principalmente, no período entre 1929 e 1931, quando ocorreu a Crise Mundial e especificamente no Brasil, com a Revolução de 30, quando os colonos tinham que emprestar seus cavalos para o Exército e aceitá-los de volta nas condições que viessem - e se viessem. “Foi a pior época para a comunidade. Sem a cooperativa, Carambeí teria desaparecido”, diz Dick Carlos de Geus, filho de imigrantes e diretor-presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí (APHC).

70 anos depois

Quando criaram a Cooperativa Batavo, em 1925, os fundadores talvez não imaginassem a dimensão que teria.

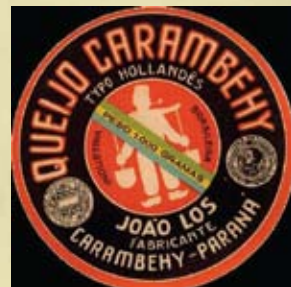
Em 70 anos oficiais de existência, a cooperativa evoluiu e expandiu sua área de atuação para atender às mudanças ocorridas no setor agropecuário.





SOC. COOP HOLLANDEZA DE LACTICINIOS
INDUSTRIA BRASILEIRA **BATAVO** MARCA REGISTRADA
SUCESSORES DE DE GEUS & CIA. - CARAMBEHY - PARANÁ

FABRICA de QUEIJOS
— DE —
De Geus & Cia.
CARAMBEHY
PARANÁ



Tanto a atuação da cooperativa junto aos produtores rurais, quanto a marca Batavo, são exemplos de que a união realmente faz a força. Afinal, quem nunca ouviu falar em 'chocomilk'?

Em 70 anos oficiais de existência, a cooperativa evoluiu e expandiu sua área de atuação para atender às mudanças ocorridas no setor agropecuário. Além da pecuária de leite, a área de grãos ganhou espaço e passou a ser explorada pelos colonos. Como resposta, a Batavo estruturou sua agroindústria para receber, beneficiar e comercializar a produção agrícola. Na safra 2009/2010 a produção dos associados no trio soja-milho-trigo alcançou 759 mil toneladas.

Atualmente, a cooperativa conta com 540 associados, 380 colaboradores e entrepostos em cinco municípios do Estado e atuação em mais de 30 cidades. A gama de serviços e produtos da Batavo engloba produção de sementes, ração animal, assistência técnica agrícola e pecuária, farmácia veterinária, loja de insumos, além da comercialização de grãos.

Rótulos das primeiras fábricas de queijo. Acima o selo da Cooperativa, que uniu holandeses e evitou a concorrência



1. A fabriquetta de queijo Voorsluys
2. A primeira sede da cooperativa
3. A matriz da Batavo em Carambeí atualmente



Voltando às origens

Mesmo com a área de grãos em franca expansão, o setor de laticínios, ainda é a menina dos olhos da cooperativa Batavo. Afinal, o setor se fortaleceu muito na década de 50 com a chegada das cooperativas de imigrantes formadas em Castro e Arapotí. As três entidades se uniram e fundaram a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLP), que recebia a produção de leite das três colônias, industrializava e co-

Fábrica de Laticínios, inaugurada em 1957, recebia a produção das três colônias



“

Dentro de alguns anos nosso objetivo é ter a fabricação de toda uma linha de lácteos.

Johannes van der Meer,
diretor-secretário
da Batavo.

”



Reprodução



Planta da nova fábrica de laticínios e as obras que estão a todo vapor



Arquivo Batavo



mercializava os produtos com a marca Batavo. De acordo com registros históricos, em 1957 a produção mensal de leite era de 5 milhões de litros, industrializados em queijos, requeijão, manteiga, ‘chocomilk’ e leite para consumo. Já em 1990, a produção chegava a 7 milhões de litros.

Ao longo dos anos, o grupo Batavo passou a atuar também no setor de carnes (suínos e aves), industrializando produtos com a mesma marca dos laticínios. O nome Batavo se fortaleceu até que em 1997, é fechado um acordo com a Parmalat, dando origem à Indústria de Alimentos Batávia S.A., que passa a deter a marca e atuar nas duas frentes: laticínios e carnes. Em 2000, a Perdigão assume a indústria frigorífica e em 2007, devido à crise da Parmalat, a Perdigão adquire também o controle acionário dos laticínios e da marca Batavo. As cooperativas acabam vendendo suas partes. A marca dos lácteos e frios pertence hoje à Brasil Foods (BRF), atual denominação da fusão entre a Perdigão e a Sadia.

Desde então a cooperativa vem atuando apenas na venda do leite resfriado, a granel, através de um ‘pool’ de comercialização. No entanto, a produção dos 168 associados dedicados à atividade, deve voltar a ser processada. A cooperativa está investindo numa nova fábrica de laticínios, que deve funcionar até o final de junho deste ano. “É como voltar às origens” diz Johannes van der Meer, diretor-secretário da cooperativa.

Primeiramente a fábrica vai apenas receber a produção e concentrar o leite. Num segundo momento, vai iniciar a produção de leite condensado, creme de leite e leite UHT. “Dentro de alguns anos nosso objetivo é ter a fabricação de toda uma linha de lácteos”, ressalta o diretor. Infelizmente, a marca Batavo não poderá acompanhar os produtos. Mas van der Meer garante que mais um nome forte virá por aí.

Mesmo sem poder utilizar a marca Batavo para os novos produtos lácteos, a cooperativa garante que mais um nome forte virá por aí.

A marca Batavo foi inspirada no nome de uma tribo primitiva que habitou a região onde hoje está a Holanda. Eram os “batavos”.



Castrolanda: sinô



Fotos: Reprodução



Quarenta anos após a chegada dos pioneiros às terras de Carambeí, o município de Castro recebia sua segunda leva de colonizadores holandeses. Eram famílias que buscavam um futuro melhor para seus filhos, frente às incertezas do pós-guerra e a escassez de terra em seu país, onde o tamanho médio das propriedades não passava dos 40 hectares.

A escolha foi motivada principalmente pela proximidade com a primeira colônia formada e pelos bons resultados conquistados e consolidados. Além do clima favorável da região dos Campos Gerais, que se opunha ao frio do Canadá – país que estava entre as opções dos holandeses.

Organizados pela Sociedade Cooperativa de Emigração em Grupo Brasil, as famílias se prepararam meses antes da viagem, estruturando a Cooperativa Castrolanda, ainda na Holanda. Reuniam-se a cada 15 dias planejando todos os detalhes da mudança definitiva para o Brasil, que aconteceria em sete grupos.

Em novembro de 1951, o navio com as três primeiras famílias de imigrantes deixou a Holanda carregando corações esperançosos e uma vasta bagagem. Eram objetos pessoais, mobílias, utensílios domésticos, tratores, ferramentas de trabalho, insumos e até vacas acomodadas nos porões. Foram cerca de 1.000 animais de pura raça, iniciando a fama da produtividade das vacas holandesas. Depois de três semanas de viagem, a embarcação atracou na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, e após uma pequena estada na Ilha das Flores, a primeira hospedaria de imigrantes do Brasil, o grupo partiu de trem para Castro.

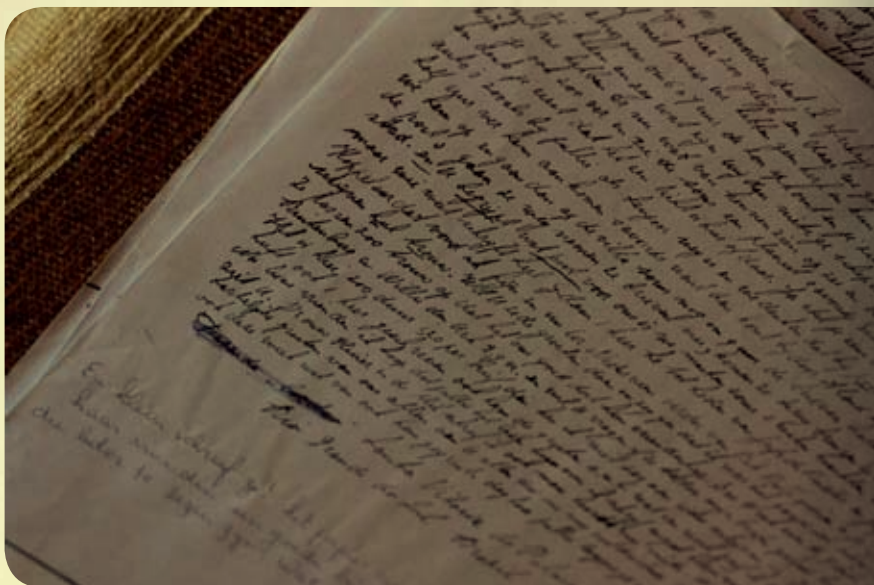
Animais eram trazidos de navio para o Brasil

nimo de planejamento

Através de cartas endereçadas aos membros da sociedade, as famílias precursoras contavam em detalhes cada etapa da viagem. Relatavam as principais dificuldades enfrentadas e descreviam os cerca de 5.000 hectares de terras que explorariam mutuamente. “A paisagem é tão bonita que você, como holandês, que está acostumado à terra plana, nem pode imaginar”, escreveu a família de Jan de Jager, em carta publicada no livro “Castrolanda: 50 anos”, de 2001.

O primeiro grupo ficou alojado na casa sede da fazenda. Na medida em que recebiam suas caixas de mudanças com os instrumentos de trabalho, iam “preparando o terreno” para os próximos, construindo moradias provisórias de madeira e estábulos.

Em paralelo às construções, os holandeses trabalhavam o solo para iniciarem



Cartas relatavam detalhes da nova terra. Bagagens chegavam de trem em baús de madeira

“

A base financeira da colônia era o leite. A agricultura ainda era bem simples.

Wybe de Jager,
pioneiro.

”



as lavouras, principalmente das forrageiras, e cuidavam da atividade leiteira, carro-chefe da colônia até a década de 70. “Nossa base financeira era o leite, pois a agricultura ainda era bem simples, não dava sustento”, lembra Wybe de Jager, que só tinha 10 anos quando chegou à colônia em 1951.

Nas cartas enviadas pelos precursores há relatos sobre as perdas na agricultura: “O milho está denso demais (...) Do terceiro plantio de batata doce apenas uns 10% das mudas pegaram; o resto secou”, assinou H. Salomons. A agricultura demorou um pouco para emplacar, principalmente pela falta de orientação técnica, que só chegou em 1957 com a vinda de agrônomos da Holanda.

Em 1954, ano em que o último grupo associado na Holanda chegou a Castro, cerca de 50 famílias holandesas já habitavam a colônia. No decorrer dos anos, as casas provisórias deram lugar a belas



residências de alvenaria, algumas mantendo o charme da decoração e arquitetura europeia, com telhados inclinados, fachadas de tijolos e moinhos de ventos decorativos nos jardins. Detalhes que conservam um pedacinho da Holanda, em Castro.

**Residências
atuais
conservam
o estilo
europeu**

Cooperativa: familiar e empresarial



Gestão profissional justifica o sucesso da Castrolanda ao completar 60 anos.



Richard Borg,
diretor-secretário
da Castrolanda

Com mais de R\$1 bilhão de faturamento registrado em 2010 e classificada como a quinta cooperativa mais rentável do Sul do Brasil, no ranking da Revista Amanhã, a Castrolanda conseguiu manter uma relação harmoniosa entre os fundamentos do cooperativismo e a cultura empresarial. Por meio de uma gestão profissional, na qual a filosofia da diretoria é zelar e não executar, a cooperativa trabalha através de seis unidades de negócios: carnes, agrícola, leite, batata, industrial e corporativo. Cada uma comandada por um gerente responsável que, em geral, é um profissional buscado no mercado.

“Essa segmentação permite uma auto-avaliação de cada setor e nos dá a direção para os investimentos, pois um setor não subsidia o outro”, esclarece Richard Borg, diretor-secretário da Castrolanda. “Esse conceito antigo é nossa estratégia de sucesso e a fortaleza da cooperativa”, completa. Os associados que trabalham com mais de uma atividade também podem manter uma fidelidade setorial com a cooperativa.

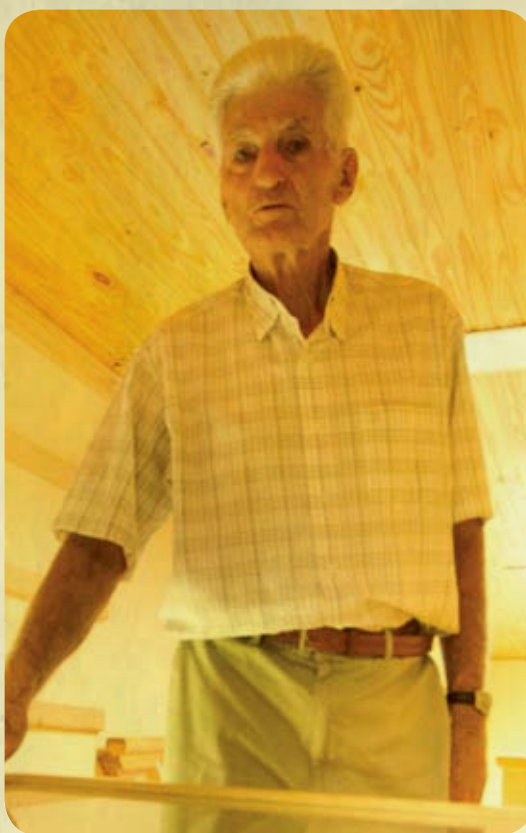
Os números e a estrutura da Castrolanda ao completar 60 anos de fundação, comprovam a eficácia da gestão. Atualmente, 750 produtores cooperados podem contar com unidades de beneficiamento de grãos e leite, loja agropecuária, unidade de produção de leitões e de sementes de batata, fábrica de ração animal e uma agroindústria para a produção de batata frita. Há três meses a cooperativa também colocou no mercado uma marca própria de leite UHT. ▶▶



Arapoti: fechando o ciclo

A mais jovem colônia holandesa no Paraná está no município de Arapoti, a 115 quilômetros de Carambeí. A vinda desses imigrantes começou em 1960 e fez parte de um projeto de fundação da terceira colônia holandesa no Paraná, fomentado por uma comissão de imigração integrada por líderes das outras duas já existentes. A ideia era formar uma grande colônia agrícola. O modelo de colonização seguiu os moldes de Castrolanda: de forma planejada e com uma estruturação prévia da Cooperativa Agroindustrial (Capal).

As famílias recém-chegadas ocuparam as terras da antiga Fazenda Bela Manhã, com 5.000 hectares pertencente ao ex-prefeito de Castro, Rivadávia Menarim. Ainda na Holanda, cada uma pode escolher o modelo de casa que gostariam de morar. A comissão construía as residências dos colonos nos lotes que variavam de 60 a 80 hectares. A nova colônia também recebeu jovens descendentes vindos de Carambeí e Castrolanda. Como Willy Noordegraaf, que chegou a Arapoti recém-casada, em 1964. “Não tínhamos nossa terra em Castrolanda, então começamos nossa vida de casados aqui”, relembra.



Johannes Bosch:
orgulho dos pais
pioneiros

“

**Era uma
difícil escolha.
Não julgo quem
foi embora.
Era duro aqui.**

Lucas Salomons,
pioneiro

”

Mesmo com todo o planejamento, os imigrantes de Arapoti não escaparam das dificuldades da colonização. Tanto que 40% das famílias imigrantes foram embora já nos primeiros anos. “Era uma difícil escolha. Não julgo quem foi embora. Era duro aqui”, reconhece o pioneiro Lucas Salomons, de 76 anos.

ESCOLA E IGREJA

Educação para crescer

A educação sempre foi prioridade entre os holandeses. Ao se instalarem a escola era a primeira preocupação, o que continua até hoje. As cooperativas e as igrejas foram mantenedoras das primeiras escolas, onde as aulas aconteciam apenas em holandês. Muitos professores foram trazidos da Holanda, como Jan Epema, que chegou a Castrolanda em 1954 para lecionar. Atualmente, são encontradas nas colônias escolas da rede particular e pública, que atendem alunos de todas as etnias.

Castrolanda mantém conservada a construção da primeira escola. De madeira, com ampla varanda, nela funciona a Escola Holandesa Prins Willem Alexander, responsável pelas aulas facultativas de holandês. A escola foi reinaugurada em 1998 pelo príncipe holandês Willem Alexander. O casal de professores holandeses Bauke e Ella Jeninga, há 15 anos em Castrolanda, conduz as aulas. Mesmo sendo aberta para todos, 100% dos alunos são descendentes.





Os imigrantes de Arapoti também trouxeram animais. No detalhe o registro de um deles. Quase uma certidão de nascimento do animal.



Willy Noordegraaf começou a vida de casada na colônia de Arapoti

O principal obstáculo foi na obtenção de água, porque as propriedades ficavam distantes do rio. A dificuldade, segundo os pioneiros, segurou o progresso da colônia nos primeiros anos. “Lembro que Castrolanda já era um pouco mais desenvolvida, mas aqui era uma pobreza em infraestrutura”, conta Willy.

Os entraves com a agricultura também foram enormes. “A erosão foi uma grande inimiga. O problema só foi resolvido com o plantio direto e com as curvas de nível”, ressalta Salomons. As perdas constantes de lavouras, principalmente de arroz por causa da estiagem, acabaram mudando o rumo econômico da colônia. Começava a era da pecuária leiteira, atividade que se tornou a base financeira durante os 10 primeiros anos. A produção diária girava em torno de mil litros de leite.

Em 1970, a agricultura recuperou seu espaço, ao lado da suinocultura. Era o início da “era” dos grãos em Arapoti. Ano em que tudo na colônia começou a dar certo, segundo o filho de pioneiros Johannes Bosch. “Fico feliz vendo que meus pais foram pacientes, enfrentaram as barreiras e não foram embora, pois a colônia deslanchou nos anos 70”, conta.



A fé move... moinhos

De forte religiosidade, nas três colônias predomina o culto à Igreja Evangélica Reformada. O líder religioso das três comunidades foi o pastor William Vincent Muller, que chegou a Carambéi em 1935. Ele não se limitou apenas em direcionar a vida religiosa da comunidade, apoiou a administração da cooperativa Batavo e foi peça fundamental para a formação das colônias de Castro e Arapoti. Através da igreja, por exemplo, em Arapoti a comunidade mantém a Associação de Assistência Social Cristã de Arapoti (AASCA), que desenvolve atividades com crianças e jovens mais carentes do município. Frederik Kool, membro da associação, conta que o trabalho social vem desde os primeiros anos de colônia, quando promoviam projetos médico-sociais e de assistência econômica aos lavradores brasileiros carentes.



Capal: quase uma fênix

A analogia com a fênix, pássaro da mitologia grega que sofria autocombustão e depois renascia das próprias cinzas, por pouco não pode ser feita com a Cooperativa Agroindustrial Capal. Estruturada pelos imigrantes holandeses de Arapoti há 51 anos, a cooperativa foi da quase falência, na década de 90, à classificação de melhor empresa do Brasil na área de grãos, em 2009, segundo a Revista Exame.

A grande mudança, de acordo com o superintendente Adilson Roberto Fuga, foi no sistema de gestão, “onde a cooperativa é gerenciada por profissionais contratados no mercado e os diretores não dão expediente”. Fuga, que na época trabalhava em Curitiba,

“

Sentimos que precisávamos de mais profissionalismo e fomos atrás. Só tenho orgulho.

Erik Bosch,
diretor da Capal.

”



Estrutura da Capal: investimento em tecnologia



ba, no setor industrial, foi contratado para praticamente “tirar a cooperativa da lama”, segundo ele. Com a nova forma de administrar, a Capal conseguiu se reerguer de uma crise acentuada em 1995, por causa de financiamentos dados aos produtores.

Hoje, com 800 associados, a cooperativa investe em infraestrutura e tecnologia para receber a produção de grãos, que a cada ano é maior. Em 2010, a área agrícola cultivada por seus associados ultrapassou os 74 mil hectares. A Capal também atua fortemente na pecuária de leite, fornecendo ração animal, acompanhamento nutricional e intermediando a comercialização da produção - registrada em 27 milhões de litros no ano passado.



ENERGIA



Observando os resultados da cooperativa hoje, o diretor Erik Bosch, que veio da Holanda com apenas dois anos, não esconde a satisfação. “Vivemos toda a crise e conseguimos nos manter unidos. Sentimos que precisávamos de mais profissionalismo e fomos atrás. Só tenho orgulho”, ressalta.

“**A cooperativa é gerenciada por profissionais contratados no mercado e os diretores não dão expediente.**”

Adilson Roberto Fuga, superintendente da Capal.



Ceral: luz no campo

A energia que faltava para mover motores, máquinas e para gerar conforto para as famílias que viviam na área rural de Arapoti, chegou ao campo através do cooperativismo. Em 1968, os pioneiros holandeses ajudaram a formar a Cooperativa de Eletrificação Rural de Arapoti (Ceral), que construiu os primeiros 92 quilômetros de rede. Antes disso, energia apenas com geradores, geralmente desligados na caída da noite. “Tanto que quando havia luz acessa em alguma casa já achávamos que alguém tinha morrido”, comenta o presidente da Ceral há 18 anos, Adolf Hendrik Van Arragon.





Dos latões à alta tecnologia

A bovinocultura de leite, atividade fundamental para a sobrevivência das três colônias, tornou a região dos Campos Gerais uma das maiores bacias leiteiras do país, com uma produção anual registrada em 2009, acima dos 390 milhões de litros de leite. No mesmo ano, segundo levantamento do IBGE, o município de Castro foi líder de produção entre os 20 municípios do Brasil, com 166 milhões de litros. Carambeí ocupou décima terceira posição nesse ranking. Essa experiência trazida pelos holandeses e os animais de excelente genética, contribuem para esse cenário.

A Agropecuária Harm, propriedade da família Rabbers, do grupo de imigrantes de Castrolanda, é exemplo disso. Com 400 vacas em ordenha e produção média diária de 35 litros por animal, a propriedade investe em tecnologia e infraestrutura. Os animais são separados em 16 lotes e criados no sistema de confinamento. Cada lote recebe uma dieta controlada, produzida na própria propriedade. Ventiladores, camas de borracha e até

Família Kok: Frederik (de boné) junto dos filhos Teodoro e Gerson e dos netos Jonathan e Thiago



Holandeses trouxeram animais de pura raça e experiência com o gado leiteiro.



Na Agropecuária Harm o conforto dos animais é uma das prioridades

uma espécie de coçador foram instalados para aumentar o conforto dos animais em ordenha.

De geração em geração

Desde que chegou ao Brasil, na década de 60, Albert Kok, de Arapoti dedicou-se exclusivamente à pecuária de leite. Seu filho Frederik Kok, de 67 anos, que já tirava leite na propriedade da família, na Holanda, manteve a tradição. Proprietário da Chácara Baronesa, ele mantém um plantel com 450 animais em semiconfinamento, dos quais 200 estão em ordenha. A produção diária é de 5.000 litros de leite. A terceira geração da família segue os passos do pioneiro. Os filhos de Frederik, Gerson e Teodoro, dão sequência ao trabalho do pai, investindo na mesma atividade.

Um touro, 40 novilhas

Da mesma forma, o pecuarista Bauke Dijkstra, de Carambeí, conserva a tradição dos antepassados. O avô veio ao Brasil em 1941, com um touro e 40 novilhas trazidas da Holanda. O pai iniciou

na atividade em 1955, com 15 animais. E ele, em 2011, tem cerca de 200 vacas em ordenha. “Estou investindo e adequando a produção para um crescimento de 10% ao ano”. A nova fábrica de laticínios da Batavo está sendo um estímulo aos investimentos do pecuarista. “É uma possibilidade de voltarmos para o varejo”, acredita.



“

Nova fábrica de laticínios é uma possibilidade de voltarmos para o varejo.

Bauke Dijkstra,
pecuarista.

”



Sem macacos e cobras

Grande parte dos filhos dos pioneiros conservam viva a história, contando os desafios superados e as vitórias conquistadas em 100 anos de imigração. Muitos nasceram em terras brasileiras. Outros vieram ainda crianças, sem nem entender ao certo o que estava acontecendo.

Anneke de Geus, aos 11 anos, embarcou na maior aventura de sua vida. Ao lado dos pais Gerrit e Pietertje Slob e de seus sete irmãos, a adolescente encarou uma viagem de três semanas de navio da Holanda à Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. A viagem era resultado da leitura de um anúncio solicitando homens que soubessem fazer queijo e com disponibilidade de residir no Brasil. Gerrit, que produzia e vendia o produto na Holanda, decidiu encarar o desafio e partiu para terras até então desconhecidas.

Os amigos de escola de Anneke diziam que só encontraria macacos e cobras por aqui. “Eu não tive medo, pois estava com meus pais, mas foi uma aventura para mim”, conta. Quando chegou ao Rio Grande do Sul, em 1951, não encontrou animais selvagens, mas o “fim do mundo”, segundo ela. Motivo que levou a família a uma nova busca: Carambeí.

Gerrit foi trabalhar na cooperativa Batavo, fazendo queijo. E a jovem Anneke conseguiu emprego na casa de uma senhora, que anos mais tarde seria sua sogra. Hoje, aos 72 anos, e viúva há oito, Anneke e alguns filhos ainda moram na colônia e mantêm as tradições holandesas; como grandes reuniões em volta da mesa, após os cultos dominicais.

“

Eu não tive medo, pois estava com meus pais, mas foi uma aventura para mim.

Anneke de Geus,
pioneira.

”



Uma chácara novamente

A jovem Tryntje Kiers Salomons, quando embarcou no navio junto ao quinto grupo holandês que iria para Castrolanda levava boas lembranças do norte holandês. Afinal, a garota de 14 anos não tinha ilusões sobre o novo país onde moraria. “Só pensava em ter uma chácara novamente. Nossa propriedade na Holanda era muito pequena, apenas 10 hectares”, conta. Chegou a estudar um pouco o português para se adaptar melhor ao Brasil.

Ao chegar na nova casa foi direto trabalhar, pois já havia concluído parte dos estudos na Holanda. “Tirava leite todos os dias, às 5 horas da manhã e também ia para a lavoura. Mas era prazeroso”, comenta. Em pouco tempo a família já estava com a casa própria construída e a vida financeira começava a melhorar. Casada com Ubel Salomons, Tryntje já voltou à Holanda algumas vezes. Mas só para visitar, pois é do Brasil que ela gosta. “Aqui me sinto bem”, conclui.



Cultura e “zeskamp”

Para conservar as tradições e a cultura holandesa no Brasil, as colônias mantêm grupos de dança folclórica, museus, moinhos de vento, artesanato e o tradicional Zeskamp, um evento que integra as seis colônias existentes no Brasil. Realizado anualmente, o Zeskamp acontece em forma de gincana, com jogos esportivos e recreativos, nos quais as colônias disputam entre si. O evento acontece em julho e recebe cerca de duas mil pessoas. Os visitantes podem acompanhar as disputas e degustar os pratos típicos da Holanda, como a sopa de ervilha com bacon e o poffertjes, um tipo de mini panqueca servida na manteiga. Neste ano, o Zeskamp acontecerá em Carambeí, integrando a agenda de eventos do Ano da Holanda no Brasil.



Construtor de órgãos

O órgão era o instrumento musical presente na sala da maioria dos colonos. Pelo menos um membro de cada família era o organista, tocando em casa e muitas vezes na igreja. Essa tradição é mantida fortemente pelo organista da colônia de Arapoti, Dirk Kool. Além de tocar há 45 anos na igreja, ele foi o construtor do órgão de tubos exibido no templo. “Querida muito ter um órgão de tubo e achei que conseguiria fazer a parte mecânica do instrumento”, conta. E de fato conseguiu. Depois de longa dedicação ao projeto, o órgão com 1.100 tubos importados da Holanda, encanta quem frequenta a igreja.



Órgão de 1.100 tubos está na Igreja Evangélica Reformada de Arapoti.

Arte holandesa

Bisneta dos pioneiros de Carambeí, Cornélia Janete Barkema Daniel pratica a arte típica da Holanda. Por iniciativa própria e com a ajuda de livros, ela aprendeu algumas técnicas de pintura holandesa. Uma das mais praticadas é a hindelopen, um estilo de pintura feita desde o século 17, essencialmente por homens. Com pinceladas ensaiadas e utilizando cores mais quentes, como alaranjado, amarelo, azul, verde e vermelho são retratadas flores, pássaros, frutos e figuras humanas. Cada peça leva em média três horas para ficar pronta. Além do hindelopen, há a técnica boerend bond e a delft blauwe. Essa última é aquela pintura azul feita em louça branca, mais conhecida no Brasil.



O moleiro

Rafael Rabbers, moleiro de profissão, administra o famoso moinho de vento “De Immigrant” (O Imigrante), construído no coração de Castrolanda. Com 37 metros de altura e hélices com envergaduras de 26 metros, o moinho faz parte do Memorial da Imigração Holandesa, inaugurado nas comemorações dos 50 anos da colônia

Máquinas antigas



Os pioneiros de Arapoti, Lucas Salomons e Harmmanus Deen, montaram em suas propriedades museus de máquinas antigas, com modelos de tratores trazidos pelas famílias pioneiras e instrumentos de trabalho utilizados na época. No museu de Salomons há 23 tratores e mais uma centena de objetos, como um carro-de-boi utilizado na época dos tropeiros. Um modelo Fordson de 1924 é o orgulho do pioneiro. “Encontrei no meio de uma rua em Ponta Grossa. Ia para o ferro velho”, conta. Na propriedade de Deen, além das máquinas antigas, a primeira casa onde morou com a família por 42 anos, também virou museu. Segundo ele, é uma das poucas conservadas na colônia.

Em Arapoti também há o Museu da Imigração Holandesa, que conserva além da história dos pioneiros, os equipamentos antigos utilizados na Capal e na Ceral. Na colônia Castrolanda, o Museu “A Casa do Imigrante” guarda as lembranças.

Eternizando a história

Num terreno de 10 hectares o Parque Histórico de Carambeí eternizará a epopeia dos imigrantes holandeses no município. Um verdadeiro museu a céu aberto, com casas, galpões, a igreja, prédios públicos e até a primeira estação ferroviária. Todos construídos em escala 20% menor. Dick Carlos de Geus, que dirige a associação do Parque Histórico, explica que o objetivo é mostrar a evolução vivenciada nesses 100 anos de imigração.

A obra será inaugurada durante as festividades do Centenário da Imigração Holandesa no município, que começam no dia 1º de abril e se estendem até o dia 4.

Casa da Memória - A primeira ala a entrar em funcionamento no Parque Histórico foi a Casa da Memória. O local foi estruturado no antigo estábulo da família De Geus e guarda o acervo histórico da colônia. Para a conclusão total do projeto do Parque Histórico de Carambeí ainda serão construídas as alas “Engenharia das Águas”, “Centro Cultural Amsterdã” e o “Parque de Exposições”. O projeto é uma parceria entre a Associação Parque Histórico e cooperativa Batavo e conta com o apoio institucional da Prefeitura Municipal de Carambeí.



CURIOSIDADES

Nos museus

Utensílios domésticos, objetos pessoais... Tudo o que foi trazido pelos pioneiros está guardado nos museus das três colônias. Confira alguns:



Bicicletas: de uso comum entre os holandeses, as bicicletas também fizeram parte da bagagem dos pioneiros.



Sala de estar: ambiente retratado no Museu “A Casa do Imigrante”, em Castrolanda, mostra uma sala de visitas típica da casa dos colonos.

Stove: o objeto de madeira era usado para esquentar os pés dos colonos. Colocavam carvão dentro e apoiavam os pés na parte de cima, que é cheia de furinhos para passar o calor.



Tamancos: feitos de madeira, os tamancos eram usados com duas meias de lã e serviam para proteger os pés contra o frio e a umidade.



Petroleumstel: fogareiro a base de querosene. A pioneira Willy Boer, de Castrolanda, conta que era utilizado para esquentar os alimentos das panelas



Um pouco de Holanda
 O país de onde vieram tantos imigrantes na verdade se chama Países Baixos e não Holanda, como falamos no Brasil. Holanda, na verdade, é apenas o nome de duas das 12 províncias que compõem os Países Baixos. No restante do mundo, usa-se Nederland, que traduzido significa “país baixo”. (Neder: baixo – land: país). Um quarto do seu território está abaixo do nível do mar e Roterdã é o maior porto do mundo. A marca registrada da Holanda, os moinhos, são mais de 1.000 em pleno funcionamento e possui mais de 15 mil ciclovias, tantas bicicletas quanto habitantes. Amsterdã, a capital, é a única cidade em que você pode visualizar 206 quadros de Van Gogh e 22 obras de Rembrandt. De quebra é o país das flores.



SERVIÇO

Agende sua visita e conheça a Holanda paranaense!

Em Arapoti

Museu da Imigração dos Holandeses
Museus de Máquinas Antigas
Agendar visitas na Capal
Contato: (43) 3557 – 1633 (Regina)

Em Carambei

Parque Histórico de Carambei
Casa da Memória
Avenida dos Pioneiros, 4050 - Carambei
Contato: (42) 3231-5063
www.parquehistoricodecarambei.com.br

Em Castrolanda

Memorial da Imigração Holandesa
Museu “A Casa do Imigrante”
Contato: (42) 3234-1231
Rua Olímpica, s/nº
Colônia Castrolanda (Castro)
www.moinhocastrolanda.com.br

A boa relação com os Sindicatos e com o SENAR-PR

Os sindicatos rurais dos municípios que abrigam as três colônias de holandeses do Paraná mantêm uma relação muito próxima com as comunidades e suas cooperativas. Grande parte dos associados dos sindicatos rurais de Castro, Arapoti e Carambeí é de descendência holandesa. Nas diretorias também é grande a participação dos descendentes. Essa integração entre sindicatos, cooperativas e a comunidade holandesa é essencial, na opinião do presidente do Sindicato Rural de Arapoti, Dirceu Antonio Osmarini. “Até porque 99% dos imigrantes e descendentes se dedicam a atividades da área rural. Então a comunhão de esforços entre sindicatos e cooperativas é essencial. Não tem como separar”, destaca.

Em Castro, a relação com a colônia holandesa é muito próxima, principalmente por meio da cooperativa Castrolanda. “A relação com o sindicato é muito boa. E nem poderia ser diferente, pois os holandeses deram um impulso muito grande para o desenvolvimento de Castro. Além de serem muito trabalhadores e organizados, eles trouxeram modernidade para a agropecuária do Estado”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Castro, Lauro Lopes.

A maioria dos produtores associados ao Sindicato Rural de Carambeí também pertence à comunidade holandesa. Segundo o presidente, Sergio Augusto Spinardi, o relacionamento harmonioso e estreito com a Cooperativa Batavo facilita a atuação do sindicato. “Finalmente, o sindicato de Carambeí ainda é recente e a cooperativa é a entidade mais antiga na representação e união dos produtores rurais de Carambeí”, conclui.



Foto ilustrativa de um dos cursos do SENAR-PR

SENAR-PR: lado a lado com os holandeses

O SENAR-PR atua para o fortalecimento das colônias através de seus cursos de qualificação. Em 2010, a entidade atendeu cerca de 3.500 produtores dos três municípios, trabalhando lado a lado com as cooperativas holandesas. Para os cooperados da Castrolanda, por exemplo, já foram realizadas capacitações na área de máquinas agrícolas, o De Olho na Qualidade e o curso de Desenvolvimento Comportamental. Neste ano, os cooperados participam do Programa de Alimento Seguro (PAS campo), o primeiro formatado especificamente para a cadeia de leite no Paraná.

Senac PR



Chef Jos P. Boomgaardt, premiado na Holanda com duas estrelas no Guia Michelin

Semana da Culinária

Entre os dias 25 de abril a 7 de maio será possível conhecer e descobrir os segredos da comida indo-holandesa, durante a Semana de Estudos e Pesquisas da Culinária Holandesa e Idonesiana, em Curitiba. Serão realizadas palestras, cursos e degustação de pratos típicos no restaurante do Senac. Os cursos e a criação e produção dos pratos ficará a cargo do Chef Jos P. Boomgaardt, premiado na Holanda com duas estrelas no Guia Michelin. Holandês mas vivendo no Rio de Janeiro, Boomgaardt tem mais de 35 anos de experiência entre restaurantes próprios, programas de TV na Holanda, aulas de gastronomia e assessoria a restaurantes nova-iorquinos. A realização é da parceria SENAC e SENAR-PR.





Peixes

Os peixes dormem? Mais ou menos. Eles alternam períodos de vigília e repouso. Mas fazem xixi? Sim. E bebem água? Sim, inclusive os peixes de água salgada. Os peixes não piscam e não fecham os olhos para dormir, pois não possuem pálpebras. O maior peixe de água doce é o Pirarucu. Um exemplar pode chegar a dois metros e pesar por volta de 200 quilos.



Mais de 800 anos

Este ano, julho terá 5 sexta-feiras, 5 sábados e 5 domingos. Isto acontece uma vez a cada 823 anos. Os americanos chamam estes anos de 'money bags' (bolsa de dinheiro), mas ninguém explica o motivo. Afinal a última vez que isso aconteceu foi em 1188.

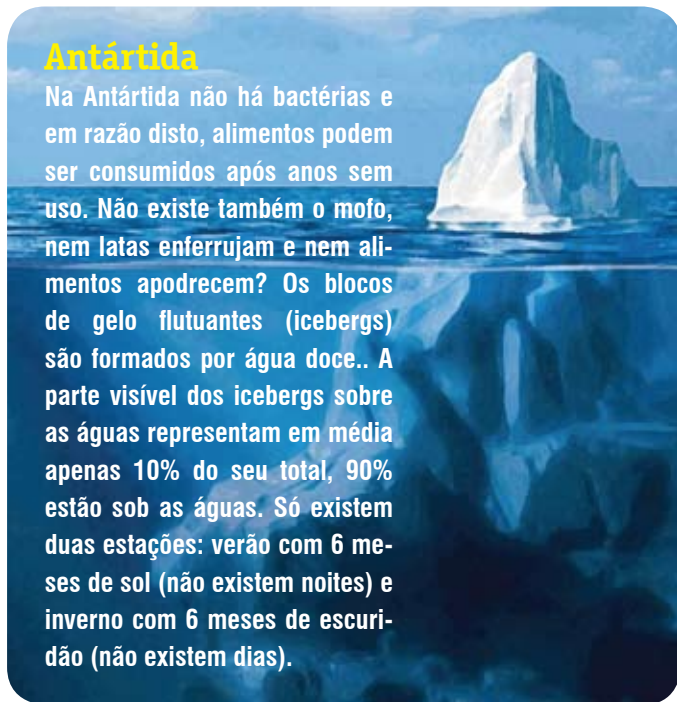
Nitrogênio puro

O gás usado nos pneus dos aviões é o nitrogênio, porque seu volume não se altera com as variações de temperatura. O que é importante, pois as aeronaves estão sujeitas a temperaturas que vão de 50 graus negativos, quando voam, a 80 positivos, quando pousam, devido ao atrito das rodas na pista.



Antártida

Na Antártida não há bactérias e em razão disto, alimentos podem ser consumidos após anos sem uso. Não existe também o mofo, nem latas enferrujam e nem alimentos apodrecem? Os blocos de gelo flutuantes (icebergs) são formados por água doce.. A parte visível dos icebergs sobre as águas representam em média apenas 10% do seu total, 90% estão sob as águas. Só existem duas estações: verão com 6 meses de sol (não existem noites) e inverno com 6 meses de escuridão (não existem dias).



Alemães

Tchecos

Marechal Cândido Rondon



Os alemães são um dos maiores consumidores per capita de cerveja do mundo (dizem que atrás somente do tchecos). Cada cidadão consome, em média, 112 litros da bebida por ano. As variedades de cerveja mais comuns por lá são: Helles, Weizen, Kölsch, Alt, Pilsner, Export e Bockbier. Um detalhe: existem mais de 1.200 cervejarias ativas e 5.000 marcas de cerveja no país. Um amigo nosso garante que em Marechal Cândido Rondon tem várias que botam os alemães no chinelo.

Atacama

O deserto mais árido do mundo fica no Chile. Alguns estudiosos afirmam que uma área do deserto de Atacama passou incríveis 571 anos sem ver uma gota de chuva.



BEM NA FOTO



O folgado aí da foto é o boxer Schumacher. Ele sentou em cima do seu irmão Chucruts, até que esse contasse onde havia escondido um osso de ponta de costela no ponto.

Farejadores

Os cães possuem o olfato muito mais desenvolvido do que os seres humanos. Enquanto os humanos possuem cinco milhões de receptores para odores, o cão possui 200 milhões. Eles, portanto, são capazes de cheirar e identificar cheiros que um ser humano jamais conseguiria sentir.



Leia e medite

Quando você passar na rua e ficarem te olhando, não se sinta o máximo. O feio e o ridículo também chamam a atenção.

A abstinência é uma boa coisa, desde que praticada com moderação.

O primeiro sentimento de quem está de dieta é o de revolta. Dá vontade de acabar com tudo, a começar pelo que tem na geladeira.

Quando alguém lhe disser que não é uma questão de dinheiro, mas de princípio, trata-se de uma questão de dinheiro.

Nunca tenha medo de tentar algo novo. Lembre-se, os amadores construíram a arca. Profissionais construíram o Titanic.

Fantasia feminina

Aos 17 anos: Olhos verdes e bonito.

Aos 25: Olhos verdes, bonito e rico.

Aos 35: Olhos verdes, rico e inteligente.

Aos 48: Um homem com cabelos.

MOSAICO

Na mosca

No aeroporto de Schipol, em Amsterdam, os banheiros são tão imaculados com azulejos limpíssimos que poderiam servir para uma sala de operações de tão assépticos. Todavia, ninguém reparava nisso. Porquê? Porque cada vaso sanitário tem uma mosca lá dentro e é nisso que todos reparam... Um olhar mais atento revela que não se trata de uma mosca verdadeira e sim de um desenho incrustado na cerâmica do vaso num ponto estratégico. Investigações provaram que os homens tentam atingir a mosca ao urinar e isso reduz em cerca de 80% os salpicos para os lados! É o que se chama pomposamente controle de processo. Ou simplesmente uma brilhante ideia.





Guarapuava

Técnicas para florestas...

O Sindicato Rural de Guarapuava em parceria com a Cooperativa Agrária, Golden Tree Reflorestadora, Santa Maria Papel e Celulose, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro) e a Pitol Agroindústria promoveu o Curso de Planejamento e Implantação Florestal, no dia 22 de fevereiro. Este foi o primeiro de três cursos que compõem o Programa de Desenvolvimento Florestal 2011.

Ministrado pelo engenheiro-agrônomo Pedro Francio Filho, especialista em Sistemas Agrossilvipastoris, o curso foi desenvolvido em duas etapas. A primeira, no período da manhã, com aulas teóricas no anfiteatro do Sindicato Rural; e à tarde, com visita ao Viveiro de Mudas da Golden Tree Reflorestadora, em Entre Rios. O curso abordou desde a escolha da espécie correta para cada finalidade florestal até o preparo correto do solo para plantar as mudas. “Essa fase é decisiva para o sucesso da floresta. A muda sadia, o preparo correto do solo, o espaçamento entre as árvores influenciarão diretamente no resultado final do projeto”, completou Francio Filho.

O próximo módulo, que será realizado dia 26 de abril vai abordar a condução e manejo florestal.

E o Campo de Verão da Agrária

O Sindicato Rural de Guarapuava apoiou o Dia de Campo de Verão da Cooperativa Agrária. Nos dias 02 (para cooperados) e 03 de março (aberto ao público em geral), na Fundação Agrária de



Pesquisa Agropecuária (FAPA), distrito de Entre Rios, a entidade divulgou os serviços ofertados, os cursos do SENAR e buscou a associação de novos produtores rurais, através da ‘Campanha Sócio Nº 1.000’.

O Dia de Campo de Verão é um evento tecnológico, com foco nas culturas de soja e milho. Pesquisadores apresentam e debatem com os participantes os resultados de experimentos realizados na região de Guarapuava. Nesta edição, a Agrária lançará pela primeira vez uma cultivar de soja com sua marca (AFS 110 RR). O material já poderá ser conhecido pelos visitantes em lavouras experimentais na FAPA.

Nova Londrina



Cana-de-açúcar

O SENAR-PR, o Sindicato Rural de Nova Londrina e a Usina Copagra realizaram o Curso de Apontamento da Cana-de-Açúcar no dia 17 de fevereiro. O instrutor do SENAR-PR, Luiz Paulo Corso, trabalhou conteúdos de Liderança Situacional, Gestão de Equipes e Competências Interpessoais no dia a dia. Ao final do curso os participantes se sentiram motivados e aptos a empreenderem avanços positivos em seus locais de trabalho.

Ponta Grossa Visita Técnica

O Sindicato Rural de Ponta Grossa foi o primeiro a receber uma visita técnica dos funcionários Norton Rodrigues e Benedito Carvalho de Oliveira Silva. O encontro aconteceu dia 23 de fevereiro e os principais temas abordados foram: o Programa de Desenvolvimento de Lideranças Sindicais (PDS) e o curso de Desenvolvimento Comportamental (DC). O vice-presidente do sindicato, Alceu Becker, supervisor do SENAR-PR Eduardo Gomes e demais diretores e funcionários receberam os funcionários.

De acordo com o coordenador do Departamento da Sindical da FAEP, José Carlos Gabardo, para melhorar e agilizar, ainda mais, o atendimento aos sindicatos, o departamento foi reestruturado. "O Estado foi dividido em quatro regiões e a partir de agora os sindicatos irão receber as visitas dos técnicos responsáveis por suas regiões", explica.



Outro objetivo do atendimento dirigido é estimular a continuidade do PDS e DC. Os programas estão sendo estendidos a novos participantes. Os sindicatos que não aderiram ao PDS poderão fazê-lo e ainda convidar funcionários e lideranças municipais a participarem. Já o DC será estendido aos diretores sindicais.

POSSES



Palmeira

No dia 1º de março tomou posse, para o triênio 2011/2014, a diretoria do Sindicato Rural de Palmeira. Foi reeleito para a presidência do sindicato Wagner Augusto Barausse, vice-presidente Terezio Schamne, secretários Bianca Fernanda Zanardini Mayer e Antonio Italo Barausse e como tesoureiros Allyson Hideo Yamaguchi e Luiz Eduardo Veiga Lopes Junior.



Tuneiras do Oeste

Em Tuneiras do Oeste foi reconduzido ao cargo o presidente Mario Ramos Toscano de Brito Filho para o período 2011/2014. A posse foi em 1º de março. Também foram eleitos: Fernando Tavares Ferreira para a vice-presidência, Maria de Fátima Boneti para 1ª secretária, Nelson Rocha para 2ª secretária e como tesoureiros Amilton Lima de Souza e Edson Furlan.



Alvorada do Sul

“Um exemplo a ser seguido”

O Sindicato Rural de Alvorada do Sul inaugurou em dezembro de 2010 sua sede própria e contou com a presença do diretor-financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia. O prédio foi construído com recursos próprios e garante um melhor atendimento a todos associados. E as boas notícias não param por aí. O sindicato fechou o ano em alta: conseguiu a doação de uma máquina pá carregadeira, que tem um custo aproximado de R\$320 mil, das mãos do ex-ministro, o deputado federal Reinhold Stephanes. A doação foi feita pelo Ministério da Agricultura, Prefeitura e Câmara dos Vereadores.

A máquina tem sido utilizada pelos produtores rurais, associados ou não, e pela população. O agendamento do equipamento pode ser feito diretamente no sindicato. Para garantir o uso democrático da máquina, o sindicato limita em 30 horas por agenda. No mercado, a locação por hora desta máquina é de R\$ 70,00, o sindicato cobra R\$ 45,00.

Além da locação o sindicato mantém um operador de máquinas e manutenção para a operação do equipamento.

O presidente do sindicato, Carlos Eduardo Dagugano, em sua primeira gestão na presidência, tem buscado efetivos benefícios aos produtores rurais. Desde que assumiu, ele conseguiu aumentar o número de associados de 26 para 65. “Minha meta é



fechar o ano de 2011 com 100 associados”, informou.

Os serviços do sindicato aos produtores também foi ampliado. Além de promover os cursos do SENAR-PR, Dagugano conseguiu uma parceria com a Prefeitura, que cedeu um funcionário e um computador para emissão da Nota Fiscal do Agricultor. Além desse atendimento os produtores também recebem informações sobre a área contábil. O número de funcionários do sindicato

também aumentou de 1 para 5.

Dagugano conseguiu ainda uma parceria com uma empresa de telefonia móvel (celulares), colocando à disposição dos agricultores um plano especial empresarial, que garante bons descontos. “Estou procurando o comércio local para conseguir outros benefícios aos associados, em breve teremos novidades no setor de insumos”, finalizou.

Nova Fátima

Mulher Atual

O Sindicato dos Produtores Rurais de Cornélio Procópio, em parceria com o SENAR-PR, ofereceu mais um curso “Mulher Atual”, no município de Nova Fátima. O objetivo foi despertar nas esposas de produtores rurais interesses e competências para novas áreas.

“Nossa missão, enquanto mediadores da informação é resgatar a mulher para a sociedade, trabalhando aspectos emocionais, profissionais e sociais, para que ela conheça os seus direitos como cidadã e os coloquem em prática”, afirmou a instrutora Maria de Fátima Bueno Bittencourt.

Serão 10 encontros semanais, num total de 80 horas que



abordará num primeiro momento assuntos como autoconhecimento, relacionamento pessoal, auto-estima, relacionamento interpessoal, papéis, família e espiritualidade.

Jacarezinho



Trabalhadores de Usinas

Na semana de 28 de fevereiro a 4 de março, o Sindicato Rural de Jacarezinho promoveu vários treinamentos para trabalhadores de usinas, tendo em vista o início da safra 2011. Os cursos oferecidos foram: Operação e Manutenção de Carregadora de cana-de-açúcar com a instrutora Elisângela Domingos; Aplicação de Agrotóxicos - Tratorizado de Barras com o instrutor Miguel Jorge Wafte Neto; Formigas Cortadeiras Apontamento e Queima com o instrutor Leonil Silva e Corte Avançado com a instrutora Juliana Pitwak. Foram atendidos 180 produtores rurais e trabalhadores.

Maringá

Dia Internacional da Mulher

A escritora Leila Navarro foi a principal atração do evento que reuniu 700 mulheres, dia 3 de março, no pavilhão industrial do Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, de Maringá e região. Escritora e uma das maiores especialistas brasileiras em palestras motivacionais, ela falou sobre "Felicidade, Qualidade de vida, Equilíbrio e Humor". O encontro foi promovido em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Leila é autora de 13 livros, em que aborda temas comportamentais, de liderança, gestão de pessoas, vendas e empreendedorismo.

Cantagalo

Turma do JAA

O Sindicato Rural de Guarapuava – Extensão de Base Cantagalo, em parceria com o SENAR-PR promove a partir do dia 14 de março, o curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), no Colégio Estadual de Cavaco. O curso segue até o início do mês de julho e tem como objetivo informar os jovens rurais sobre suas oportunidades no campo, qualificando-os profissionalmente, despertando sua visão empresarial e capacidade empreendedora.

Terra Roxa 1



Curso de Casqueamento

O Sindicato Rural de Terra Roxa em parceria com o SENAR-PR, Emater e a Prefeitura realizaram o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - grupo casqueamento de bovinos de leite. O curso aconteceu nos dias 4 e 5 de março com uma turma de 12 participantes. O instrutor do grupo foi Eduardo Fonseca Portugal.

Terra Roxa 2



Produção Artesanal de Alimentos

Nos dias 24 e 25 de fevereiro o Sindicato Rural de Terra Roxa promoveu em parceria com o SENAR-PR e o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), o curso de Produção Artesanal de Alimentos e Derivados de Leite. A instrutora da turma, composta por 12 alunas, foi Geni Rossato Bach.

A (boa) herança da Ge

O frio que esquentou as economias dos Sugawaras

Por Hemely Cardoso

A televisão ainda era incipiente, mas as rádios pipocavam notícias trágicas naquela manhã do dia 18 de julho de 1975. Três descendentes de japoneses não precisaram do noticiário, bastava olhar pela janela e se deparar com o tapete branco cobrindo os campos e os cafezais no Noroeste do Paraná. Os efeitos da chamada Geada Negra só seriam contabilizados dias depois pelos agricultores. Mas as contas dos irmãos Tatsugi Sugawara, Haroho Sugawara e Benedito Minoru Sugawara, de Nova Londrina, eram outras.

Enquanto o café se tornava um verdadeiro “ouro verde”, disparando no mercado, os Sugawara saboreavam o doce sabor de 4.000 sacas estocadas. “Nós fomos os únicos da região a não perder com a geada”, relata o irmão mais velho, Tatsugi, 75 anos. Na época, os irmãos ganharam 2 milhões de cruzeiros, hoje, essa quantia equivale a R\$ 2,9 milhões. Com o lucro do café, eles expandiram os negócios e compraram propriedades além de Nova Londrina, em Batayporã e Naviraí, no Mato Grosso do Sul.

Como tantos outros descendentes de japoneses, a história dos três começa ao deixarem Itaberá, interior de São Paulo, para trabalhar na fazenda do primo Yukio Condo, 80 anos, em Nova Londrina. Era a busca do eldorado. Como o café estava em alta, Condo migrou à cidade em 1954 para investir na produção do grão. Os irmãos chegaram seis anos depois para ajudar a cuidar inicialmente de 3.300 pés de café na Fazenda de Condo. “Tudo o que



Os irmãos Haroho e Tatsugi com o primo Yukio Condo na propriedade onde tudo começou

conquistamos devemos ao Yukio que nos convidou para trabalhar aqui”, agradece Haroho, 67 anos.

Lucro anterior

Não foi só com a Geada Negra que os irmãos lucraram. Em 1963, quando ainda trabalhavam com Condo, uma forte geada acabou com as plantações de café na região. Mas o fenômeno meteorológico não atingiu os 8.000 pés de café na Fazenda Condo. “A geada caiu durante a madrugada e toda

Geada Negra: devastou os cafezais paranaenses



ada Negra

Fotos: Lineu Filho



Na época, os irmãos ganharam 2 milhões de cruzeiros, hoje, essa quantia equivale a R\$ 2,9 milhões

Arquivo



a plantação vizinha foi dizimada. A nossa estava intacta, 100% livre das queimaduras. Nós fomos privilegiados por Deus”, lembra Horoho. Toda a produção da fazenda era dividida entre o primo e os irmãos. Com a geada de 1963, cada irmão comprou um sítio para produzir café. Nesse ano, os jornais estampavam em manchetes que o Paraná estava em chamas, fruto da geada e da seca que ocorreu a seguir. As manchetes tinham uma boa dose de sensacionalismo.

Os irmãos investiram na cultura cafeeira até 2004. Os pés de café foram substituídos pela pecuária de corte e leite e pelo laranjal nos sítios da família, Sugawara I, II e III. “A pastagem foi tomando conta das propriedades. Hoje se tornou inviável investir na cafeicultura em razão dos baixos preços. Foi-se o tempo do café”, lamenta Tatsugi.

Com brilho nos olhos, Tatsugi recorda dos bons tempos do cultivo do café. Em 1981, o Sítio Sugawara I ganhou o concurso de melhor café da região. A premiação, onde concorreram dezenas de propriedades em Nova Londrina, foi promovida pelo Instituto Brasileiro de Café (IBC), Banco do Brasil (BB), o antigo Banestado (Banco do Estado do Paraná), Caixa Econômica Federal (CEF) e a Cooperativa Agroindustrial do Noroeste Paranaense (Copagra). Dois anos depois, o Sítio Sugawara III, de Haroho, recebeu o mesmo prêmio. “Tenho saudades do período em que o café estava no auge. Foi graças a ele que conseguimos tudo o que temos hoje. Nossos filhos tiveram a oportunidade de estudar”, comenta Haroho, que tem cinco filhos, Tatsugi tem seis e Benedito, quatro. Todos formados no ensino superior. *

1975

Arquivo



“Curitiba branca de neve”

Um dia antes da Geada Negra, que dizimou o café paranaense, o curitibano assistiu uma cena nada comum em terras brasileiras. No dia 18 de julho de 1975, Curitiba se cobriu de branco quando a neve caiu intensamente sobre a cidade. Há 35 anos, o jornal “O Estado do Paraná”, que atualmente só circula pela Internet, estampava a manchete: “Curitiba branca de neve”. A expressão ganhou repercussão e ficou conhecida no país. O jornalista Mussa José de Assis, então diretor do jornal, conta que a manchete original era “Paraná branco de neve”, porque havia nevado em outros municípios, mas ele queria uma palavra no feminino para lembrar da figura de Branca de Neve. “Resolvemos centralizar em Curitiba e ficou Curitiba branca de neve”, disse ele, em reportagem publicada pelo mesmo “O Estadinho”, como ficou conhecido, no dia 17 de julho de 2005. Foi na véspera em que os Sugawaras agradeceram à grande geada.

A “presidente” ou “presidenta”

Em que pese sugestiva nota exposta no BOLETIM informativo nº 1127 (página 17) – “VIA RÁPIDA” – “MOSAICO” – “Presidenta?”, hei de me manifestar a respeito não só por ser Presidenta ou Presidente deste Sindicato Rural, mas também pelo fato de que por várias ocasiões utilizei o termo Presidenta em correspondências oficiais desta entidade.

Pois bem! Segundo o DICIONÁRIO AURÉLIO:

“presidenta. [Fem. de presidente.] S.f. 1. Mulher que preside ...”

“presidente. ... 1. Pessoa que preside ...”

“Presidente”, portanto, entendo, referindo-se a “Pessoa” pode ser utilizado tanto para o masculino

quanto para o feminino.

Apesar de soar de uma forma um pouco estranha, prefiro filiar-me ao DICIONÁRIO AURÉLIO para o fim de entender que o termo “Presidenta” é plenamente previsto e aplicado na língua portuguesa. Infelizmente a nota “Presidenta?” não nomina os “mestres no idioma nacional” que de outra forma entendem.

Lisiane Rocha Czech

Presidenta do Sindicato Rural de Teixeira Soares

Nota da redação: há uma discussão entre os filólogos sobre o uso de “a presidente” ou “presidenta”. Este Boletim prefere “a presidente”.

Moisés em Roma

No Boletim nº 1125 página 19, “Via Rápida” informa: “Davi, a estátua de Michelangelo está na igreja de São Pedro, em Roma, sobre o túmulo do Papa II. Segundo a lenda, por achá-la tão perfeita ao concluí-la, Michelangelo desferiu uma martelada no joelho da estátua, exclamando Parla! (fala)”.



É Moisés e não Davi que está na Basílica de São Pedro em Roma, na figura está Davi que fica no Museu de Florença.

Olímpia Maria Aguiar
Cambará - PR

Nota da redação: você está correta, Olímpia.

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 28/02/2011



HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS	
	1-11	12						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-		138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.431.549,48	13.000,00		16.082.338,01		2.341.952,64	-	22.721.445,27
Setor Suínos	2.200.137,02	1.360.000,00		1.722.145,98		141.274,87	-	5.141.008,13
Setor Aves de Corte	1.271.958,15	210.000,00		1.715.461,01		-	-	3.197.419,16
Setor de Equídeos	38.585,00	15.000,00		73.950,68		-	-	127.535,68
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-		7.397,00		-	-	13.235,61
Setor Aves de Postura	35.102,41	2.000,00		90.878,88		-	-	127.981,29
Pgto. Indenização Sacrifício Animais *	-	-		-		141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-		-		-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	141.031,00	-		-	-	141.031,00
TOTAL	12.381.000,00	1.600.000,00	141.031,00	19.830.852,65	**542.225,27	2.624.258,51	77.567,43	31.251.057,71
SALDO LÍQUIDO TOTAL								31.251.057,71

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da sub-conta do Setor de Bovídeos e creditado para sub-conta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Máquinas reguladas

Para evitar perdas que podem ultrapassar a cifra de R\$ 20 milhões o SENAR-PR é parceiro da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab) e o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) no Concurso de Redução de Perdas na Colheita da Soja na região de Francisco Beltrão. Estão participando 17 dos 27 municípios que compõem a regional da Seab. O objetivo é reduzir a perda durante a colheita e minimizar prejuízos.

“Queremos também resgatar as práticas eficientes de conservação de solo e manejo sanitário das lavouras”, completa Ricardo Kaspreski, engenheiro-agrônomo do Departamento de Economia Rural/Seab. A Emater recebeu 203 inscrições e o SENAR-PR organizou 12 cursos de regulação de colhedoras, com oito horas de duração, dois já foram realizados.

Estão sendo acompanhadas e coletadas amostras em 310 lavouras. Para coletar as amostras foram organizadas e capacitadas duas equipes de técnicos compostas, por no mínimo, três integrantes que podem ser: da Emater, sindicatos rurais, cooperativas, Casa Familiar Rural, Colégios Agrícolas e funcionários das prefeituras. Também estão colaborando e apoiando o evento mais de 100 empresas do setor agropecuário.

O processo de coleta acontece com a delimitação de uma área de 4m² na propriedade. Após a colheita a amostra é lacrada e enviada para uma câmara especial da Empresa Paranaense de Classificação de Grãos (Claspar), onde são garantidas as condições de umidade dos grãos. Ao final do concurso todas as amostras serão avaliadas por uma comissão regional da Seab. O vencedor será aquele operador que conseguir o maior rendimento por hectare.



Técnicos coletam amostras na lavoura de soja

Com o valor das perdas seria possível comprar 798 carros populares, ou 250 tratores de média potência, ou 57 colheitadeiras

Para incentivar o maior número de participantes serão premiados 10 finalistas. Entre os prêmios uma motocicleta, aparelhos de TV, computadores e máquinas fotográficas digitais. O resultado será divulgado dia 20 de maio e a premiação acontecerá no Salão Paroquial da Igreja Cristo Rei, em Francisco Beltrão.

Histórico de perdas

Em 2009 os técnicos da Emater de Francisco Beltrão detectaram perdas significativas na região. “Teve produtor que chegou a perder quatro sacas de soja por hectare. A Embrapa recomenda menos de uma saca por hectare”, explica Kaspreski.

Na região de Francisco Beltrão, em 2009, foram plantados 220,5 mil hectares de soja. A estimativa de perdas feita por uma equipe composta de técnicos da Emater, Prefeitura e Seab foi de 623 mil sacas. As perdas constatadas variaram entre 2,5 e 4,1 sacas por ha, onde o recomendado pela Embrapa é menos de 1 saca por ha. Multiplicando o valor médio da soja na época daria um montante de R\$ 19.936.000,00. *

Independência financeira de crédito e poder de escolha. Estas são as metas, segundo o economista, Mauro Osaki, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq)/Universidade de São Paulo (USP), que os produtores rurais deveriam perseguir. “Com capital de giro e disciplina de gastos o produtor tem o poder de escolha. Ele deve aproveitar ‘as vacas gordas’ para se capitalizar nos períodos onde ocorrem desequilíbrios climáticos. Assim não ficará atrelado a ‘pacotes tecnológicos’ impostos pelas cooperativas ou agentes de mercado”, diz.

Osaki participou da reunião mensal da Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP. Durante o encontro ele apresentou o relatório da safra 2009/2010, onde foram analisadas as culturas de soja, milho, trigo, algodão, feijão e arroz em 27 municípios de 11 estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Tocantins, Maranhão e Piauí).

Um dos resultados deste estudo foi a elaboração de 169 painéis de produção, com avaliações desde o tamanho da propriedade, desembolso com fertilizantes e defensivos agrícolas, taxas de retorno com mecanização, taxas de juros, produtividade até custo de produção e receita líquida.

No Paraná os municípios pesquisados foram Londrina, Cascavel, Guarapuava e Prudentópolis. A meta para a safra 2012 é incluir a região de Ponta Grossa. “O importante desta parceria é a forma de participação do produtor rural no processo de coleta de dados. Junto com a FAEP nos reunimos com os produtores nos sindicatos rurais. Eles são voluntários. Isso faz toda a diferença na hora de atender o profissional que vai coletar as informações e garante o sucesso do documento final”, explica Osaki.

Há três anos a FAEP participa do proje-

“O produtor é economista da

A avaliação da produção em 27 municípios de 11 estados

to Campo Futuro desenvolvido em parceria com a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Esta parceria tem como objetivos: produzir um estudo que possa traduzir a rentabilidade do setor em regiões diferenciadas do Brasil, e elaborar um documento técnico e isento que possa embasar sugestões para políticas públicas para agricultura.

Sem reconhecimento

Para Osaki o produtor rural brasileiro é um guerreiro. “O mundo olha o Brasil como o país que será capaz de produzir alimentos para uma grande parcela da humanidade. Mas os brasileiros não reconhecem este potencial da agricultura. Aqui o alimento é barato, apesar de não ser acessível a todos. Temos as ONG’s contra os agricultores, a sociedade que não valoriza a produção agrícola e o governo que não faz a sua parte em relação à infraestrutura para escoamento da safra e exportação”, afirmou.

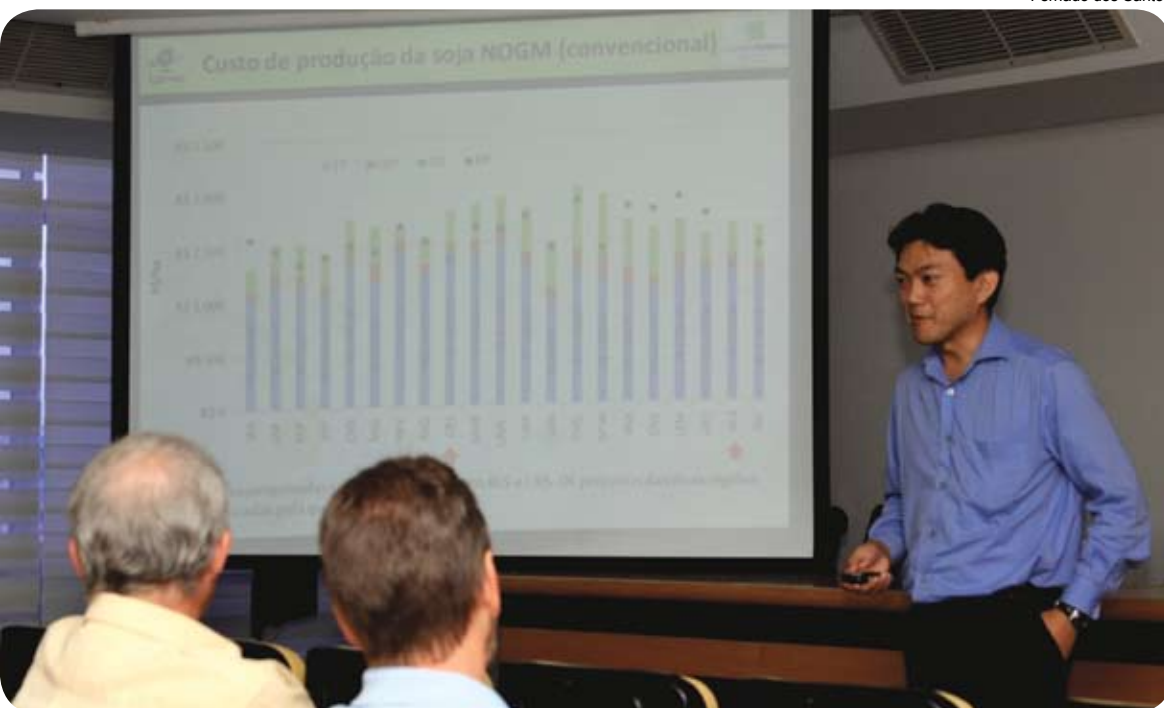
Apesar de todas as dificuldades, o Brasil é o principal produtor de alimentos da região tropical (soja, milho, café e carne bovina). “Basta compararmos a produção agrícola brasileira com a argentina, onde a produção fica limitada a trigo, girassol e carne bovina, e a Austrália principal produtor de trigo e carne bovina”, lembra Osaki.

Brasil x EUA

O economista analisou algumas diferenças entre os produtores norte-ameri-

um guerreiro” diz Escola Luiz de Queiroz

Fernado dos Santos



Mauro Osaki:
Produtor rural
brasileiro é um
guerreiro

canos e os brasileiros. “Nos EUA os agricultores estão usando sementes de terceira geração, resistentes à seca, por exemplo. Este tipo de semente só vai chegar aqui dentro de 10 anos, enquanto isso, no Brasil, são comercializadas sementes de primeira geração. Em relação aos defensivos, os americanos não precisam fazer controle contra ferrugem, usam só herbicidas. No Brasil são feitas de duas a três aplicações de fungicidas. Tudo isso influencia no custo final de produção. Sem falar é claro na questão dos subsídios. Lá os juros para a agricultura são de 1%, enquanto, que aqui a média nacional é de 16%. São os juros mais caros do mundo para o setor agrícola”, finaliza. *

PONTOS FORTES

Análise de alguns aspectos da produção agrícola no Paraná

PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Mais facilidade de conseguir crédito. Isso não significa que o crédito é mais barato. É mais fácil porque os produtores rurais paranaenses estão em dia com seus pagamentos.	Financia sua atividade. O produtor paranaense compromete parte de sua safra para financiar sua atividade. Isto ocorre porque ele não tem capital de giro.
Melhor preço de venda. Devido à proximidade do Porto de Paranaguá	Custo Brasil. Mesmo estando perto do porto o custo de produção se equipara com outras regiões produtoras por conta do custo Brasil.



Tsunami:
Tragédia
abalou o
Japão

As águas de março

Coincidência. Como ocorreu com seu pai (José Richa) que assumiu o governo do estado, em 1983, enfrentando fortes enchentes e destruição, Beto Richa vê as cenas se repetirem agora, 28 anos depois.

O cataclisma do tsunami e a calamidade no litoral paranaense

Ao contrário de outras grandes tragédias em que não houve imagens imediatas nas redes de TV, o tsunami ocorrido dia 11, no Japão, estava ao vivo e a cores em questão de minutos em todo o planeta. A força arrasadora das ondas gigantescas destruindo tudo o que havia pela frente foi impressionante, mas a organizada população japonesa foi avisada a tempo pelo perfeito sistema de alerta anti-catástrofes. Levarão semanas para se determinar o número de vítimas neste país asiático, o único no planeta a sofrer os efeitos de duas bombas atômicas.

Há quase 66 anos, em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente, os americanos promoveram os únicos ataques nucleares da história sobre Hiroshima e Nagasaki. Em Hiroshima despejaram a bomba “Little Boy” (menininho) e sobre Nagasaki a “Fat Man” (o gordo). Estima-se que a destruição maciça matou mais de 200 mil japoneses nas duas cidades. Os cálculos da força do maremoto e da tsunami deste março estimam o equivalente a mais de 300 milhões de toneladas de dinamite, ou a explosão simultânea de mais de 15 mil bombas atômicas como a lançada sobre Hiroshima. *

LITORAL

PRF



Lineu Filho



Perto de nós, no litoral paranaense, na mesma sexta-feira (11), uma chuva forte e intermitente sobre a já encharcada Serra do Mar, que continuou pelos três dias seguintes, colocou as pequenas e bonitas Morretes (16 mil habitantes) e Antonina (19 mil habitantes) sob o estado de calamidade pública. Em menor escala outras cidades da região foram atingidas. Em pleno período de escoamento de safra, a BR-277 (Curitiba-Paranaguá) teve quedas de barreiras e pontes destruídas. Já congestionada por filas de caminhões, a rodovia foi reaberta na noite de segunda-feira(14), mas de forma controlada para os caminhões, segundo a concessionária Ecovia, “até a recuperação das quatro pontes que caíram”.

Os produtores de hortifrutigranjeiros e as pequenas culturas de cana-de-açúcar dedicadas à produção de cachaça foram totalmente comprometidas, com sérios prejuízos.

EXPEDIENTE



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.faep.com.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Moacir Micheletto, Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Polo e Ivo Pierin Júnior

Diretores Secretários

Livaldo Gemin e Pedro Paulo de Mello

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior

Conselho Fiscal

Sebastião Olimpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Lauro Lopes

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.senarpr.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olimpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi

BOLETIM informativo

Cordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Redação:

Christiane Kremer, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR.

Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Tem boi no tomate

Em abril de 1983, a “Veja”, que se considera na maioria das vezes infalível em suas intervenções, publicou a maior “barriga” (jargão para indicar bobeira ou besteira de jornalistas e jornais) da imprensa brasileira. Ela revelou em sua página de ciência a descoberta do sensacional “boimate”, em Hamburgo, na Alemanha, e publicada como brincadeira pela respeitada revista inglesa “New Science”.

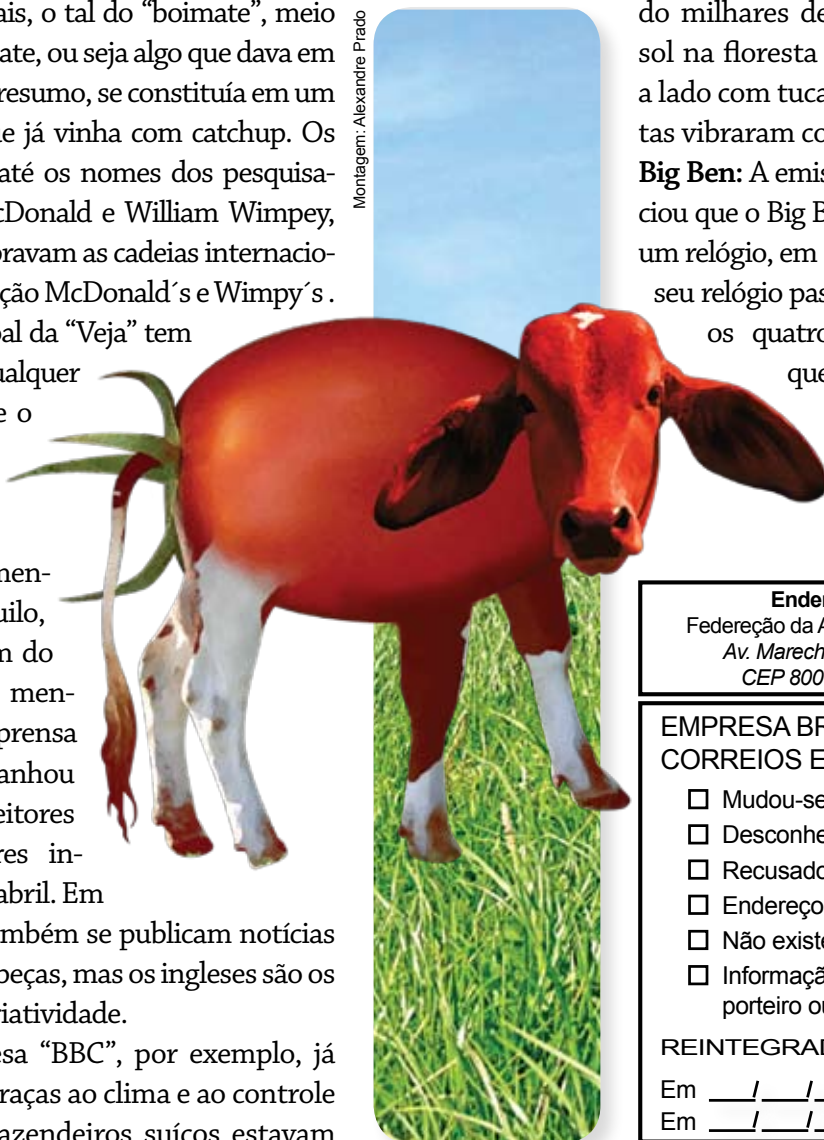
Cientistas alemães teriam descoberto um processo inédito para a fusão de células animais e vegetais, o tal do “boimate”, meio carne, meio tomate, ou seja algo que dava em horta e que, em resumo, se constituía em um hambúrguer, que já vinha com catchup. Os ingleses deram até os nomes dos pesquisadores: Barry McDonald e William Wimpey, nomes que lembravam as cadeias internacionais de alimentação McDonald’s e Wimpy’s. Até hoje o pessoal da “Veja” tem horror de qualquer lembrança sobre o “boimate”.

Mesmo conhecidos por terem temperamento calmo, tranquilo, os ingleses saem do sério no dia da mentira e sua imprensa conservadora ganhou fama pegando leitores e telespectadores incautos no 1º de abril. Em outros países também se publicam notícias sem pés nem cabeças, mas os ingleses são os campeões em criatividade.

A rede inglesa “BBC”, por exemplo, já informou que graças ao clima e ao controle de pragas, os fazendeiros suíços estavam

A maior “barriga” da imprensa brasileira e o bom humor inglês no dia da mentira

Montagem: Alexandre Prado



conseguindo uma excelente safra de espaguete. As imagens mostravam fazendeiros colhendo o macarrão direto de árvores. A redação da TV recebeu milhares de ligações pedindo mais detalhes da história.

Conhecida por sua histórica seriedade, a BBC, porém, roda a baiana nos primeiros de abril. Outros exemplos:

Pinguins voadores: A BBC anunciou que para fugir do frio, os pinguins tinham aprendido a voar nas geleiras do Ártico e em “viagem de férias” estavam percorrendo milhares de quilômetros em busca do sol na floresta amazônica, indo viver lado a lado com tucanos e outras aves. Ecologistas vibraram com a “notícia”.

Big Ben: A emissora britânica também noticiou que o Big Ben, aquela famosa torre com um relógio, em Londres, se modernizaria e o seu relógio passaria a ser digital e disse que os quatro primeiros telespectadores que ligassem poderiam ganhar uma versão de pulso do novo Big Ben. Centenas de pessoas ligaram. *

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Desconhecido
- Recusado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico
- Falecido
- Ausente
- Não procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável _____